

O segredo da argila

Contada por Eesha Sardesai

A viajante inspirou fundo o ar de cheiro doce fluindo para seus pulmões. Sua expiração saiu como um suspiro. Ela estava profundamente satisfeita. Cercando-a por todos os lados havia montanhas, e a combinação da argila e dos sedimentos a partir dos quais elas se formaram dava-lhes uma aparência listrada vibrante. Suas faces tinham faixas em tons marrons avermelhados, verdes terrosos e amarelos insólitos.

O clima era bem quente e seco ali, mas isso não significava que não houvesse algumas manchas de vegetação, moitas ocasionais ou arbustos de flores. A mulher assimilou tudo com entusiasmo. Esta região remota do mundo, tão longe do lugar que ela chamava de lar, era única e extraordinária em sua beleza. Ela queria algo que servisse de recordação — algo mais que um souvenir das barracas de beira de estrada pelas quais havia passado. Ela queria uma maneira de se lembrar da *terra*.

Enquanto esse pensamento passava em sua mente, a mulher olhou para baixo. Havia alguns pedaços de argila soltos no chão. Um deles, em especial, chamou sua atenção.

Era pouco maior e quase tão redondo quanto uma bola de golfe. A cor era do mesmo vermelho-ferrugem que ela via nas montanhas ao redor, e havia uma fina ranhura amarela traçando curvas na superfície. Ela teve uma súbita lembrança das bolinhas de gude com as quais brincava quando criança.

— Ora, como você é adorável! — exclamou ela, curvando-se para pegar o pedaço de argila.

Ela tirou um lenço do bolso e envolveu cuidadosamente a argila nele.
— Vou colocar você no meu quarto — disse, alegremente — para que todos os dias eu seja lembrada desta parte do mundo que me deu tantos vislumbres sobre quem eu sou.

Depois de uma semana, a mulher voltou para casa. Fiel à sua palavra, colocou a argila em seu quarto, em cima de uma grande cômoda que guardava todos os outros itens que ela coletou em suas viagens. O espaço estava abarrotado (ela *era* uma viajante ávida), e ela precisou forçar a argila entre um leque de bambu e um frasco com um líquido esverdeado, mas acabou conseguindo acomodá-la.

Os dias seguintes foram agitados para a mulher. Ela estava se organizando depois da viagem; havia tarefas a fazer, amigos e parentes para encontrar, reparos necessários na casa. Porém, toda vez que entrava no quarto, seus ombros relaxavam. Sua respiração desacelerava. Ela não sabia se estava imaginando isto, mas o ar tinha um cheiro um pouco mais doce ali. Era muito agradável.

Mais alguns dias se passaram, e a mulher ficou cada vez mais convencida de que *não* estava imaginando aquilo. O ar estava *definitivamente* mais doce; na verdade, estava absolutamente perfumado, chegava a ser inebriante. Tinha um aroma floral e amadeirado, surpreendentemente familiar e, ao mesmo tempo, evocativo de terras místicas e distantes. *O que era esse cheiro e de onde ele vinha?* Logo, toda a sua casa ficou repleta do perfume inebriante e misterioso.

Determinada a encontrar sua origem, a mulher começou a vasculhar a casa. Ela se concentrou no quarto, pois foi onde notou a fragrância pela primeira vez. A certa altura, ela se agachou no chão para verificar debaixo da cama. Infelizmente, não havia nada lá, mas quando levantou a cabeça, o cheiro que sentiu foi tão forte que seus braços quase cederam.

Ela se levantou cambaleante e foi na direção do cheiro. Parecia vir do canto mais distante do quarto, onde ficava a cômoda.

“É claro!”, pensou consigo mesma. “Eu trouxe tantos perfumes e óleos exóticos de minhas viagens. Devo ter deixado um deles destampado.”

Ela olhou para a variedade de objetos sobre a cômoda, sua preciosa coleção de lembranças. Havia ampolas e frascos de todos os tamanhos e formas — mesmo assim, depois de uma minuciosa inspeção, estavam todos vedados, com as rolhas firmemente pressionadas no vidro.

Mas aquela *fragrância*! Era tão poderosa aqui, praticamente a arrebatava. A mulher tinha certeza de que estava perto.

Seus olhos dispararam ao redor, e então ela viu: o pedaço de argila, disposto inocentemente na parte de trás da cômoda. Sob a luz suave da lamparina, a listra amarela na sua parte superior parecia brilhar.

— É você? — perguntou à argila em tom de cochicho — É você que tem esse cheiro tão doce?

Ela apanhou a argila com as duas mãos e, imediatamente, teve sua resposta. Ondas de fragrância emanavam dela, mais esplendidamente perfumadas que os mais finos óleos essenciais que havia encontrado no exterior. Cheirava como o mais vicejante jardim, um emaranhado de aveludadas pétalas vermelhas, sinuosas videiras verdes e alguma coisa suntuosa e intensa, como um óleo de resina arbórea. Por alguns instantes, a mulher ficou ali parada com os olhos fechados, permitindo que a fragrância a envolvesse.

Então, sua mente começou a trabalhar. *É a argila que tem esse cheiro? Como pode ser?*

Ela abriu os olhos e olhou fixamente para o pedaço de argila. Parecia tão despretensioso.

— O que você é? — sussurrou ela — É algum tesouro disfarçado? Um presente precioso de algum reino sobrenatural? No mínimo, você foi preenchida com ervas de cheiro adocicado? Eu preciso saber quem você é. Preciso saber o que você é.

Foi aí que a argila respondeu.

— Eu? — disse a argila — Sou apenas um simples pedaço de argila.

— Não, não — insistiu a mulher — Não pode ser. Você tem um cheiro maravilhosamente perfumado. Por favor, me diga de onde vem essa fragrância.

A argila falou novamente — ou talvez fosse a própria sabedoria da mulher emergindo do interior, juntamente com memórias de montanhas listradas e arbustos de flores.

— Tudo bem, minha amiga. Vou lhe revelar meu segredo. Sou apenas um pedaço de argila, mas quando estava no deserto, eu mantive a companhia das rosas.



© 2024 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

Esta é a versão de uma história que Gurumayi Chidvilasananda contou em satsangs nas suas Visitas de Ensinamentos. Tem suas origens em um poema persa do século XIII.